

A FUNDAMENTAÇÃO ONTOLÓGICA DO CONCEITO DE DEUS E A GÊNESE EPISTEMOLÓGICA DOS MODOS DO SER NA *ÉTICA* DE BENEDICTUS DE SPINOZA

Viviane Silveira Machado.¹

RESUMO: O presente artigo intenciona demonstrar a fundamentação ontológica do conceito de Deus e a gênese epistemológica dos modos do ser na *Ética* de Benedictus de Spinoza (1632-1677). Conforme o autor holandês, “além da substância e dos modos nada existe” quer dizer, “os modos nada mais são do que as afecções dos atributos de Deus”. Portanto, será fulcral analisar a *Ética*, Parte I, intitulada, *De Deo*, para observar o que o pensador esclarece sobre os conceitos de *causa sui*, substância, coisa livre, atributos e modos. Segundo Spinoza, o homem não é um modo do ser absolutamente livre, pois os modos são “em outra coisa”, portanto, conclui que “só Deus é causa livre, e causa de todas as coisas”. Além da *Ética* (E), serão utilizadas como apoio secundário outras obras do autor, a saber, o *Breve Tratado* (KV), o *Tratado da Emenda do Intelecto* (TIE) etc. e seus principais comentadores.

PALAVRAS-CHAVE: *Causa sui*, Substância, Atributos e modos. *Ética*. Spinoza.

LE FONDEMENT ONTOLOGIQUE DU CONCEPT DE DIEU ET LA GENÈSE ÉPISTÉMOLOGIQUE DES MANIÈRES D'ÊTRE DANS L'*ÉTHIQUE* DE BENEDICTUS DE SPINOZA

RÉSUMÉ: Cet article entend démontrer le fondement ontologique du concept de Dieu et la genèse épistémologique des modes d'être dans *l'Éthique* de Benedictus de Spinoza (1632-1677). Selon l'auteur néerlandais « au-delà de la substance et des modes il n'y a rien » c'est-à-dire que « les modes ne sont rien de plus que les affections des attributs de Dieu ». Par conséquent, il sera crucial d'analyser *l'Éthique*, Partie I, intitulée, *De Deo*, pour observer ce que le penseur éclaire sur les concepts de *causa sui*, de substance, de chose libre, d'attributs et de modes. Selon Spinoza, l'homme n'est pas un mode d'être absolument libre, puisque les modes sont « dans quelque chose d'autre », donc, il conclut que « seul Dieu est une cause libre, et la cause de toutes choses ». En plus de *l'Éthique* (E), d'autres ouvrages de l'auteur serviront de support secondaire, à savoir, le *Bref Traité* (KV), le *Traité d'entendement de l'Intellect* (TIE) etc. et ses principaux commentateurs.

MOTS CLES : *Causa sui*, Substance, Attributs et modes. *Éthique*. Spinoza.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará-UFC. Licenciada em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará- UECE. E-mail: vivianemachado10@gmail.com

Introdução

O manuscrito da *Ética*² é a obra principal do pensador holandês Benedictus de Spinoza. Dividida em cinco Partes, quais sejam, *De Deo* (Deus); *De natura et origine mentis* (A natureza e a origem da mente); *De origine et natura affectuum* (A origem e a natureza dos afetos); *De servitute humana seu de affectuum viribus* (A servidão humana ou a força dos afetos); *De potentia do intellectus seu de libertate humana* (A potencia do intelecto ou a liberdade humana), o autor descreve os elementos principais de sua filosofia, além de explicitar-nos que se faz necessário refletir segundo a luz da razão (*lumen naturale*), acerca da compreensão de Deus e as leis de sua natureza. Ora, para o autor, somente a luz da razão conduz os indivíduos ao conhecimento das verdadeiras causas das coisas. Embora a *Ética* de Spinoza se fundamente na metafísica³ e na física⁴, tal obra⁵ apresenta-nos importantes conceitos que demonstram como a ontologia e o monismo absoluto do ser substancial (*Parte I*) trazem uma nova visão para o pensamento filosófico de sua época, mas também nos permite observar com maior profundidade as

² Para a citação dessa obra, cuja tradução brasileira foi realizada por Tomaz Tadeu, utilizamos a sigla E (*Ethica ordine geometrico demonstrata*) com as seguintes abreviaturas: Partes (E1, E2, E3, E4, etc.), Prefácio (Pref), Axiomas (Ax), Definição (Def), Proposição (P), Demonstração (D), Escólio (S), Corolários (C), Postulados (Post.), Definição dos Afetos (AD), Apêndice e capítulo (A1), etc. Exemplo de citação: E3P9S para *Ética*, Parte 3, proposição nove, escólio.

³ Não há metafísica em Spinoza, no sentido pleno do termo, como ciência do ser primeiro, ou do ser enquanto ser, da concepção aristotélica. Também não haveria uma metafísica primeira do tipo cartesiana. Spinoza, em seu Apêndice ao PPC, *Pensamentos Metafísicos*, se afasta dos grandes pilares da metafísica da tradição: a metafísica geral e a metafísica especial. Spinoza está mais próximo de uma metafísica da imanência ante uma metafísica da transcendência.

⁴ Em resposta a uma das cartas de Blyenbergh (teólogo calvinista), o autor holandês explicita que suas dúvidas se referiam à *Ética* e não às explicações do Prefácio na qual Spinoza expõe explicações das proposições enunciadas nos *Princípios de Descartes* sobre a problemática do mal. Ora, Spinoza enfatiza a necessidade das explicações serem bem compreendidas por Blyenbergh. Conforme cita, “[...] Vossa demanda de esclarecimentos trata de uma grande parte da *Ética*, a qual tem, como se sabe, seu fundamento na metafísica e na física. [...]. São questões, ao contrário, que não podem ser compreendidas antes que as tenha bem entendido. [...]”. Cf. Ep. 27. [Lê-se: epístola 27].

⁵ Para o filósofo político Antonio Negri (2018, p. 114), “[...] a *Ética* está bem longe de se apresentar como um texto unitário. [...] a *Ética* não é apenas, como todo texto filosófico complexo, uma obra em vários níveis, de estruturas e orientações múltiplas. A *Ética* não tem uma dimensão, por assim dizer, espacial atravessada por relações internas diversas e diversamente organizadas. A *Ética* tem também uma dimensão, por assim dizer, temporal: é obra de toda uma vida, [...]”.

expressões do ser da substância, ou seja, seus atributos e modos⁶ e, por fim, compreender o Todo a partir dos efeitos da causa imanente.

O pensamento de Spinoza está escrito sobre a égide da ordem geométrica e matemática euclidiana, mas que se unem as lentes de uma filosofia para além de seu tempo. E, embora resguardado de um rigor semelhante ao rigor do cartesianismo (a clareza e a distinção), seu método⁷ distingue-se quantitativamente da filosofia cartesiana. Ora, para o autor holandês, “não podem existir, na natureza das coisas, duas, ou mais substâncias de mesma natureza ou de mesmo atributo”. (E1P5). Spinoza utiliza em sua *Ética* o método sintético⁸, ou seja, parte do todo (princípio ontológico e monismo absoluto de Deus) para observar detalhadamente suas leis eternas e imutáveis. A demonstração da estrutura filosófica e ontológica do monismo substancial e absoluto de Deus está contida na Parte I de *Ética*⁹. Ora o pensamento filosófico de sua época observa com maior profundidade a ontologia do ser substancial, fato que também contribui para

⁶ “Tudo que existe, existe ou em si mesmo ou em outra coisa”. Cf. E1Ax1.

⁷ Em seu *Tratado da emenda do intelecto (TIE)*, nosso autor refere-se a um método que assegure as ideias verdadeiras. Assim, cita que “o Método, ainda uma vez, necessariamente deve falar do raciocínio ou da intelecção, isto é, o Método não é o próprio raciocinar para entender o que seja uma ideia verdadeira, distinguindo-a das demais percepções e investigando sua natureza, para que daí conheçamos nossa potência de entender e assim coibamos a mente para que ela entenda conforme aquela norma todas as coisas que são a entender, trazendo como auxílios regras certas e também fazendo com que a mente não se fatigue com inutilidades. Donde se colige que o Método nada mais é que o conhecimento reflexivo. Cf. TIE/50. [Lê-se: *Tratado da emenda do intelecto*, parágrafo 50.].

⁸ O método utilizado por Spinoza em sua *Ética* é o método sintético que parte do todo, ou seja, da ontologia de Deus, para que assim, seja possível chegar ao homem, observando que este é um modo finito. Já Descartes, parte do método analítico, onde primeiramente, utiliza o *cogito* até chegar ao conhecimento de Deus. Para explicar sua decisão no que diz seu método analítico, Descartes escreve em suas *Objecções e Respostas*, que compreende que enquanto o método analítico utiliza-se da “análise ou resolução”, o método sintético, por sua vez, utiliza-se da “síntese ou composição”. Isso porque, segundo Descartes, “a análise mostra o verdadeiro caminho pelo qual uma coisa foi metodicamente descoberta e revela como os efeitos dependem das causas; [...] Mas, ressalta que, “tal espécie de demonstração não é capaz de convencer os leitores teimosos ou pouco atentos: pois se se deixar escapar, sem reparar, a menor das coisas que ela propõe, a necessidade de suas conclusões não surgirá de modo algum; [...] A síntese, ao contrário, por um caminho todo diverso, e como que examinando as causas por seus efeitos (embora a prova que contém seja amiúde também dos efeitos pelas causas) demonstra na verdade claramente o que está contido em suas conclusões, e serve-se de uma longa série de definições, postulados, axiomas, teoremas e problemas [...]” Cf. DESCARTES, 1973, p. 176 - 177.

⁹ Para o filósofo político Antonio Negri (2018, p. 114), “[...] a *Ética* está bem longe de se apresentar como um texto unitário.[...] a *Ética* não é apenas, como todo texto filosófico complexo, uma obra em vários níveis, de estruturas e orientações múltiplas A *Ética* não tem uma dimensão, por assim dizer, espacial atravessada por relações internas diversas e diversamente organizadas. A *Ética* tem também uma dimensão, por assim dizer, temporal: é obra de toda uma vida, [...]”.

a atual contemporaneidade¹⁰. Nosso autor observa a necessidade de considerar adequadamente a natureza divina como primeira “tanto na ordem do conhecimento quanto na ordem da natureza”. (E2P10S). Para o autor, é preciso refletir atentamente sobre a ontologia do ser da substância para a devida compreensão epistemológica dos modos do ser em sua filosofia. Ou seja, observar com rigor a ordem e conexão necessária das causas e assim compreender segundo a razão, as leis necessárias do *ens* absolutamente infinito, ou seja, Deus. Sendo assim, torna-se fundamental inteligir porque Deus, segundo Spinoza, é única substância e causa de todas as coisas.

Em sua *Ética*¹¹, o pensador traz uma visão filosófica e não transcendente de Deus, assim como de seus infinitos atributos infinitos¹² com o intuito de rasgar o véu dos preconceitos além das superstições presentes na sociedade de seu tempo¹³. Para Spinoza, os indivíduos eram governados sob o julgo da servidão porque não havia uma compreensão clara e distinta de Deus, de suas leis imutáveis, bem como dos efeitos e causas dessas leis¹⁴. Para o autor da *Ética*, “cada homem engendrou, com base em sua

¹⁰ Para a pensadora Chantal Jaquet (2011, p. 13), “o sucesso do modelo espinosista não se limita às ciências da vida, ele ganha, além disso, as ciências econômicas e sociais com os trabalhos de economistas como Frédéric Lordon, que se debruça sobre a teoria do conatus e da potência de agir do corpo e da mente”. Da mesma forma, para Negri (2017, p. 17), “Espinosa é a anomalia – uma negação selvagem que nos é cara, a negação de toda figura dessa determinação repressiva. Espinosa está presente hoje justamente pela mesma razão pela qual foi considerado o inimigo de todo o pensamento moderno. Ela é a plenitude do ser contra o vazio do devir. [...]”.

¹¹ “Eis, pois o que é a *Ética*, isto é, uma tipologia dos modos de existência imanentes, substitui a moral, a qual relaciona sempre a existência e valores transcendentos. A moral é o julgamento de Deus, o sistema de Julgamento. Mas a *Ética* desarticula o sistema do julgamento. A oposição dos valores (Bem e Mal) é substituída pela diferença qualitativa dos modos de existência (bom/mau). A ilusão dos valores se confunde com a ilusão da consciência: porque a consciência é essencialmente ignorante, porque ignora a ordem das coisas e das leis, das relações e de suas composições, porque se contenta em esperar e recolher o efeito desconhece toda a Natureza”. Cf. DELEUZE, 2002, p. 29.

¹² “No que toca agora à *Natura Naturata* universal, ou aos modos ou criaturas que dependem imediatamente de Deus, ou são criados imediatamente por Ele, não conhecemos mais do que dois deles, a saber, o movimento da matéria e o intelecto da coisa pensante. Dizemos então, que estes existiram desde toda a eternidade e permanecerão imutáveis por toda a eternidade: uma obra tão grande quanto convinha à grandeza do artífice”. Cf. KVI/9/1 [Seguindo como sigla KV, para *Breve Tratado*, Parte I, capítulo 9, parágrafo 1].

¹³ Isso porque, a influência do poder religioso sobre o poder político desde muitos séculos exercia forte domínio sobre os modos de viver, pensar e agir dos indivíduos em sociedade.

¹⁴ “[...] todas as leis que não podem ser transgredidas são leis divinas. Razão: porque tudo quanto ocorre não é contra, mas conforme seu próprio decreto. Todas as leis que podem ser transgredidas são leis humanas. Razão: porque tudo que os homens decidem para o seu bem-estar, não segue que seja também para o bem-estar da Natureza inteira, mas, ao contrário, pode ser para a destruição de muitas outras coisas”. (KVII/24/5).

própria inclinação, diferentes maneiras de prestar culto a Deus, para que Deus o considere mais que aos outros e governe toda a natureza em proveito de seu cego desejo e de sua insaciável cobiça”. (E1A1). E, conclui que tal preconceito “transformou-se em superstição¹⁵”. (idem). Por isso, para combater a superstição que trazia como efeito a servidão, a intolerância¹⁶ e o medo, Spinoza constrói uma *Ética*¹⁷ para demonstrar filosoficamente a necessidade de entendermos que “as coisas foram feitas por seu próprio valor¹⁸” (ibidem).

No próximo item, trataremos mesmo que de forma sucinta, a problemática do finalismo que Spinoza denuncia no apêndice I de sua *Ética*, no qual demonstra de forma clara e distinta que os indivíduos enganam-se quando afirmam que Deus fez todas as coisas para que os homens lhe prestassem culto¹⁹.

¹⁵Ora, Spinoza não era um crítico das religiões, mas das superstições e de seus efeitos negativos sobre a vida social, econômica e religiosa do vulgo e de como estes viviam entre o sentimento de medo e de preconceito.

¹⁶ Em uma carta a Albert Burgh, Spinoza adverte-o de que “a santidade da vida” “é comum a todos”. Conforme cita, “deveis, portanto, reconhecer que a santidade da vida não pertence em particular a Igreja Romana, mas é comum a todos. E, visto que (para falar como o apóstolo João, Epístola 1, 4, 13) é devido a isto que nós conhecemos que Deus mora em nós, e que nós moramos em Deus, daí resulta que tudo aquilo pelo qual a Igreja Romana se distingue é inteiramente supérfluo e, em consequência repousa apenas sobre a superstição. O único e certíssimo signo da verdadeira fé católica e da verdadeira posse do Espírito Santo é, como digo com João, a justiça e a caridade: onde elas se encontram, Cristo está realmente, onde elas faltam, Cristo está ausente. Pois não podemos ser conduzidos ao amor à justiça e a caridade senão pelo Espírito de Cristo”. Cf. Ep76. Para maiores informações em relação às cartas de Spinoza, bem como de seu círculo de amigos consultar a obra Spinoza: obra completa II: correspondência completa e vida. Perspectiva, 2014. Para o sistema de citação das cartas/correspondências trocadas por Spinoza publicadas postumamente, utilizamos a seguinte abreviatura: Ep (Epistolae), seguida da sua numeração em algarismo arábico. Exemplo: Ep1 para Carta nº1.

¹⁷Conforme cita Frédéric Lenoir (2019, p. 136), “a *Ética* de Espinosa parte da alegria para desembocar na alegria perfeita”.

¹⁸ Ora, em sua obra *Tratado Teológico-Político (TTP)*, publicada em 1670 de forma anônima, o pensador tratará acerca dos efeitos das superstições, do direito à liberdade de pensamento, da importância de se manter um Estado moderado para conservar a liberdade e a paz, dentre outras questões.

¹⁹ Para o pensador Steven Nadler (2013, p. 31) “o Deus de Espinosa não é um ser transcendente, supranatural. Não é dotado dos aspectos psicológicos ou morais atribuídos a Deus por muitas religiões ocidentais. O Deus de Espinosa não manda, não julga nem faz alianças. Entendimento, vontade, bondade, sabedoria e justiça não fazem parte da essência de Deus. Em outras palavras, na filosofia de Espinosa, Deus não é providencial e espantosa deidade de Abraão. Antes, é a fundamental, eterna, infinita substância da realidade e a causa primeira de todas as coisas. Tudo o mais que existe faz parte (ou é um “modo”) da Natureza”.

Finalismo: as causas desse preconceito

Segundo Spinoza, filósofo da razão, “os homens pressupõem em geral que todas as coisas naturais agem, tal como eles próprios, em função de um fim²⁰, [...], pois dizem que Deus fez todas as coisas em função do homem, por sua vez, para que este lhe prestasse culto”. (E1A1). Bem, segundo Spinoza, dessa opinião surgiram várias problemáticas, portanto explica-nos que “as coisas são feitas por seu próprio valor” (idem). Portanto, “todas as causas finais²¹ não passam de ficções humanas”. (idem). Ora, para Spinoza, o efeito desse preconceito é que “todos os homens nascem ignorantes das causas das coisas e que todos tendem a buscar o que lhes é útil, estando conscientes disso”. (ibidem). Na verdade, para Spinoza, “cada homem engendrou, com base em sua própria inclinação, diferentes maneiras de prestar culto a Deus” (E1A1). Portanto, os homens em busca de saciar seu desejo cego, esforçam-se inutilmente para que “Deus o considere mais que os outros e governe toda a natureza em proveito de seu cego desejo e insaciável cobiça. Esse preconceito transformou-se em superstição e criou profundas raízes em suas mentes”. (idem).

Importa ainda esclarecer que Deus, segundo Spinoza, não tem vontade ou fim, isso porque “em termos de causalidade, Deus é anterior a tudo”. (E1P17C2). Portanto, Deus não pode ter vontade. Ora, tal assertiva é contrária às determinações da doutrina escolástica finalista que concebe “que o próprio Deus dirige todas as coisas tendo em vista algum fim preciso, pois dizem que Deus fez todas as coisas em função do homem, por sua vez, para que lhe prestasse culto”. (E1A1). Segundo Spinoza, as coisas são na

²⁰ Para o pesquisador Carlos Wagner Benevides Gomes (2021, p. 16) “a crítica de Spinoza ao finalismo é uma denúncia ao antropomorfismo e à finalidade transcendente (divina), e não a impossibilidade ou negação de uma finalidade interna nos homens, mesmo operando, a princípio, pelo conhecimento imaginativo”.

²¹ “Defensor de uma realidade imanente causa de si, que se autoproduz e que é necessária em relação aos seus efeitos, Spinoza procurou livrar o homem, por exemplo, da superstição religiosa e da ignorância do antropomorfismo, do finalismo, do fatalismo e da ideia de livre-arbítrio na natureza. Alicerçada ontologicamente, a obra *Ética* tem como principal objetivo a construção de uma filosofia prática (da liberdade e da felicidade humana), partindo da ontologia do infinito (Deus) à ontologia do finito (Homem), embora não se trate de uma simples transição hierárquica, pois o que há é uma eterna simultaneidade entre o Todo e suas partes. Com isso, ao apresentar a tríade ontológica Substância, Atributo e Modo para expressar o absoluto, Spinoza elaborou uma filosofia da imanência.” Cf. GOMES, 2021, p. 13.

verdade feitas (produzidas) sem nenhum fim. Ou seja, Deus “age necessariamente pela necessidade de sua natureza”. Portanto, “todas as coisas foram predeterminadas por Deus por sua natureza absoluta, ou seja, por sua infinita potência”. (idem). Ora, para o autor da *Ética*, as superstições e preconceitos engendrados nas mentes dos indivíduos são as verdadeiras causas de tantos esforços inúteis para compreender e também explicar as causas finais²² de todas as coisas inadequadamente. Isso porque, segundo Spinoza, a natureza absoluta e infinita da potência de Deus manifesta-se da necessidade de sua essência²³ e potência absoluta e não de sua vontade. A seguir, observaremos o que o autor da *Ética* compreende por ente absolutamente infinito e *causa sui*.

Deus sive natura

Segundo Spinoza, Deus²⁴ é “um (o) ente absolutamente infinito, isto é, é a substância²⁵ que consiste de infinitos atributos, cada um dos quais exprimem uma (a) essência eterna e infinita²⁶”. (E1Def6). Ora, para o pensador holandês, “além de Deus não pode existir nem ser concebida nenhuma substância”. (E1P14). Isso porque somente

²² “E, nesse contexto do século XVII, Spinoza vai além de Descartes (já que este conservou a finalidade de um Deus transcendente) ao retomar inovadoramente a crítica da causa final que denuncia a antropomorfização de Deus ou a Natureza, pela atribuição a um finalismo e uma vontade, precisamente no Apêndice à Parte I (De Deus) da *Ética*”. Cf. GOMES, 2021, p. 35.

²³ “Tudo, afirmo, existe em Deus, e é exclusivamente pelas leis de sua natureza infinita que ocorre tudo que ocorre, seguindo-se tudo da necessidade de sua essência”. Cf. E1P15S.

²⁴ Em uma carta em resposta ao diplomata e filósofo alemão Henry Oldenburg, Spinoza também descreve o conceito de Deus como sendo “um ser que se compõe de uma infinidade de atributos, cada um dos quais é infinito, quer dizer, soberanamente perfeito em seu gênero”. Ep4.

²⁵ Descartes, em sua *III Meditação*, cita que, “[...] ainda que a idéia da substância exista em mim, pelo próprio fato de ser eu, uma substância, eu não teria, todavia, a idéia de uma substância infinita, eu que sou um ser finito, [...]”. (DESCARTES, 1973, p. 115). Ora, Descartes coloca Deus e o homem como substâncias, sendo a primeira infinita e a segunda finita (coisa pensante e coisa extensa). Aqui, pode-se observar claramente, mais uma vez, o distanciamento da filosofia de Spinoza ao pensamento de Descartes, isso porque, para o pensador holandês só existe uma única substância, a saber, Deus. Conforme cita na proposição 5 da Parte I de sua *Ética*, que “não podem existir, na natureza das coisas, duas ou mais substâncias da mesma natureza ou mesmo atributo”. (E1P5). Assim, conclui no escólio 1 da proposição 8 da Parte I, que “na verdade, ser finito é, parcialmente, uma negação, e, ser infinito, uma afirmação absoluta da existência de uma natureza, segue-se, portanto, simplesmente que toda substância deve ser infinita”. Cf. E1P8S1.

²⁶ A tradução de Tomás Tadeu da *Ética* utilizou as conjunções, “um” e “uma” no lugar dos artigos “o” e “a”. Entretanto, para não perdermos a originalidade do conceito desta definição que foi escrita em latim, utilizamos no corpo da presente pesquisa, em parênteses, os artigos, (o) e (a).

Deus é “causa de si”. Conforme explicita-nos em sua *Ética*, “por causa de si compreendo aquilo cuja essência envolve a existência, ou seja, aquilo cuja natureza não pode ser concebida senão como existente.” (E1Def1). Ora, para a pensadora Marilena Chaui, tal definição torna-se um elemento fulcral para a compreensão de sua obra filosófica²⁷, isso porque, ela “cumprir a exigência de começar pela causa, fundadora de todo conhecimento verdadeiro”. (CHAUI, 1999, p. 62). Compartilhando de uma ideia semelhante, o pensador Hadi Hizk (2010, p. 30) cita que “a originalidade de Spinoza consiste em que, desde o começo da *Ética*, ele transformou completamente o sentido e o alcance de uma fórmula que, até então, fora enunciada de maneira mais descritiva que causal e efetiva”. Sendo assim, compreende-se que, para Spinoza, Deus é a única substância²⁸ que existe em si mesma e ao mesmo tempo é causa de si, ou seja, que por si mesma é concebida. Portanto, não necessita de nada além de si para ser concebida, quer dizer, causada. Isso porque, “[...] existe apenas uma única substância de mesma natureza.” (E1P8S2). Ou seja, *Deus sive Natura*.

Em seu *Breve Tratado*, o autor esclarece-nos importantes reflexões que, posteriormente, serão amadurecidas e demonstradas geometricamente em sua obra magna, a saber, *Ética*. Seu manuscrito esclarece-nos que “fora de Deus não há nada e que Ele é uma causa imanente²⁹”, (KVI/II/23). Assim, conclui que “um agente que age em si mesmo jamais se pode dizer que tenha a imperfeição de um paciente já que ele não padece de outro”. (KVI/II/24). Isso porque, “a substância, por ser princípio de todos os seus modos, pode com muito mais direito ser chamada um agente do que um paciente”. (KVI/II/25). Em sua *Ética*, Spinoza cita que a substância (Deus), que é ao mesmo tempo causa imanente, é simultaneamente causa produtora e “causa eficiente não apenas da

²⁷ Para Negri (2017, p. 17), “Espinoza é a anomalia – uma negação selvagem que nos é cara, a negação de toda figura dessa determinação repressiva. Espinoza está presente hoje justamente pela mesma razão pela qual foi considerado o inimigo de todo o pensamento moderno. Ela é a plenitude do ser contra o vazio do devir. [...]”.

²⁸ Para o pensador Manfredo Oliveira (2014, p.68), cita que: [...], substância é essencialmente poder (potentia) de autoafirmação na existência (potência de existir) e autoconservação, o que revela que o sentido do ser, para ele, é em última instância poder enquanto força substantiva de constituição e conservação do ser, afirmação de si mesmo, [...].

²⁹ “Ao contrário, a passividade, quando o agente e o paciente são diversos, é uma imperfeição palpável, já que o paciente deve depender necessariamente daquele que, do exterior, causou o padecer: o que não tem lugar em Deus que é perfeito”. Cf. KVI/2/23.

existência das coisas, mas também de sua essência.” (E1P25). Isso porque, em Deus, sua “potência e essência são a mesma coisa³⁰” Ora, conforme explicita “é necessário, pois, reconhecer que a existência de uma substância, assim como a sua essência³¹, é uma verdade eterna.” (E1S2). A seguir, observaremos a liberdade absolutamente livre de Deus.

A liberdade absolutamente infinita de Deus

Segundo Spinoza, é necessário compreender de forma adequada o que significa a liberdade absolutamente infinita de Deus. Conforme cita na Definição 7 da Parte I de sua *Ética*, “diz-se livre a coisa que existe exclusivamente pela necessidade de sua natureza e que por si só é determinada a agir”. (E1Def7). Ora, tal proposição é basilar para compreendermos que somente Deus é o ente (*ens*) absolutamente infinito que age livremente pela necessidade de sua natureza³² e não pela necessidade de sua vontade³³, isso porque age por si mesmo. Ou seja, somente “Deus age exclusivamente pelas leis de sua natureza e sem ser coagido por ninguém”. (E1P17). Segundo o pensador holandês, demonstra-nos, “só Deus é causa livre, pois só Deus existe exclusivamente pela necessidade de sua natureza, [...] e age exclusivamente pela necessidade de sua natureza³⁴”. (E1P17C2).

Para Spinoza, “além da perfeição de sua própria natureza, não existe nenhuma causa que, extrínseca ou intrinsecamente, leve Deus a agir” (E1P17C1). Dessa maneira conclui que “nada existe, na natureza das coisas, que seja contingente; em vez disso, tudo é determinado, pela necessidade da natureza divina, a existir e a operar de uma maneira

³⁰ “A potência de Deus é a sua própria essência.”. Cf. E1P34.

³¹ Segundo Gilles Deleuze (1925-1955) “[...] entre a essência e a existência, existe apenas uma distinção de razão, na medida em que se distingam a coisa afirmada e a sua própria afirmação”. Cf. DELEUZE, G. *Espinoza: Filosofia Prática*, 2002, p. 81.

³² Segundo Spinoza, “a natureza de uma substância pertence o existir”. Cf. E1P7.

³³ “Spinoza exclui a vontade e o entendimento como pertencentes à natureza de Deus ou *Natureza Naturante*, ao atribuir-lhes o estatuto de modos do atributo pensamento [...]”. Cf. FRAGOSO, E.A.R. O conceito de Liberdade na *Ética* de Benedictus de Spinoza, *Revista Conatus*, v.1, 2007, p.34.

³⁴ Sendo assim, segundo Spinoza, Deus não tem vontade, posto que as coisas se seguem exclusivamente segundo as leis de sua natureza. Ora, a natureza de Deus não pertence nem ao intelecto nem a vontade do homem, pois, segundo o filósofo “Deus é em termo de causalidade, anterior a tudo”. Cf. E1P17C2.

definida”. (E1P32C2). Isso porque, “as coisas foram predeterminadas por Deus, não certamente pela liberdade de sua vontade³⁵, ou seja, por seu absoluto beneplácito, mas por sua natureza absoluta, ou seja, por sua infinita potência”. (E1A1).

O agir de Deus, segundo Spinoza, produz infinitas coisas de infinitas maneiras porque jamais pode ser coagido nem causado. Ora, sua potência de agir de *Deus sive natura* (Deus, ou seja, Natureza) é absolutamente infinita. Assim, o autor conclui que Deus é também causa totalmente absoluta, livre e eterna, ou seja, que age indubitavelmente pela necessidade de sua natureza e não pela necessidade de sua vontade livre como muitos afirmavam. Assim, Spinoza demonstra que somente Deus é causa de si e causa de todas as coisas, pois é a única substância, cuja potência, essência³⁶ e existência são absolutamente infinitas. Isso porque a coisa livre produz infinitos atributos infinitos, dentre os quais nosso intelecto pode perceber apenas dois, quais sejam, o atributo pensamento e o atributo extensão³⁷. A seguir, analisaremos os modos do ser da substância, ou seja, os atributos e os modos segundo a *Ética* de Spinoza.

³⁵ “A vontade não pode ser chamada causa livre, mas unicamente necessária”. Cf. E1P32.

³⁶ “Ao radicalizar a ideia da essência de Deus como uma ideia de imensidade de potência, Spinoza pensa a causa de si como sendo muito mais que uma relação lógica entre a essência e a existência, onde a existência é apenas uma propriedade necessária da essência. A causa de si significa primeiro que a existência se desdobra como a produtividade, a fecundidade da essência concebida como potência, quer dizer, como a plenitude afirmativa infinita, do ser”. Cf. RIZK, 2010, p. 33.

³⁷ Segundo Spinoza, não podemos atribuir a Deus uma comparação entre seu intelecto e nosso intelecto, como muitos faziam na Idade Média, em sua época e, ainda hoje, imaginam, isso porque “o que é causado difere da respectiva causa precisamente naquilo que ele recebe dela. Por exemplo, um homem é causa da existência de um outro homem, mas não de sua essência, pois esta última é uma verdade eterna. Os dois podem, por isso, concordar inteiramente quanto à essência, mas devem diferir, entretanto, no existir. E, portanto, se a existência de um se extinguir, a do outro não se extinguirá por isso; mas se a essência de um pudesse ser destruída e tornar-se falsa, a essência do outro também seria destruída. Por isso, aquilo que é causa, tanto da essência quanto da existência de algum efeito, deve diferir desse efeito tanto no que toca à essência quanto no que toca à existência. Ora, o intelecto de Deus é causa, tanto da essência, quanto da existência de nosso intelecto. Logo, o intelecto de Deus, enquanto concebido como constituindo a essência divina, difere de nosso intelecto, tanto no que toca à essência quanto no que toca à existência, e não pode em nada concordar com o nosso, a não ser no nome,[...]. Quanto à vontade, procede-se da mesma maneira, como qualquer um pode facilmente ver”. Cf. E1P17C2.

Os atributos e os modos da Substância

Segundo Spinoza, “não podem existir, na natureza das coisas, duas ou mais substâncias³⁸, de mesma natureza ou de mesmo atributo.³⁹” (E1P5). Pois, conforme cita, Deus é a única substância “que consta de infinitos atributos.⁴⁰ dos quais cada um exprime uma essência eterna e infinita”. (E1P10D). Ora, segundo nosso autor, somente Deus é o ente (*ens*) absolutamente infinito, que produz infinitamente sua potência e essência sem ser causado ou coagido por outra causa ou coisa. Sendo assim, o filósofo conclui que a *substantiam*.⁴¹ absolutamente infinita que exprime não apenas seus infinitos atributos,

³⁸ Em seu *Breve Tratado* Spinoza para não cair na contradição do regresso ao infinito traz-nos a seguinte explicação para a problemática da substância, na qual esclarece-nos que, “finalmente, se queremos buscar a causa daquela substância que é o princípio das coisas que procedem do seu atributo, teremos que buscar por sua vez, a causa dessa causa e, depois, de novo a causa dessa causa, *et sic in infinitum*; de maneira que, se devemos necessariamente nos deter e repousar em alguma parte, é necessário que repousemos nesta substância única”. Cf. KVI/2/10.

³⁹ “Um “atributo” é, tradicional e correntemente, o que é atribuído a um sujeito, ou seja, uma caracterização, uma determinação ou uma qualificação, que sempre deixa a possibilidade de uma distinção entre o atributo do sujeito e sua essência. Espinosa, nos seus primeiros escritos, conserva algo dessa tradição, mas rompe com ela na *Ética*, em dois sentidos: ali, o “atributo” é dito de uma “substância” e não mais de um sujeito, e ele constitui a própria essência dessa substância (já não se distingue dela) [...]”. Cf. RAMOND, C. *Vocabulário de Espinosa*, 2010, p.26.

⁴⁰ Para Deleuze “as grandes teorias da *Ética*- unicidade da substância, univocidade dos atributos, imanência, necessidade universal, [...] - não são separáveis da três teses práticas acerca da consciência, dos valores e das paixões tristes. *Ética* é um livro simultaneamente escrito duas vezes: uma vez no fluxo contínuo das definições, proposições, demonstrações e corolários, que explanam os grandes temas especulativos com todos os rigores do raciocínio, outra, na cadeia quebrada dos escólios, linha vulcânica e descontínua, segunda versão sobre a primeira, que exprime todas as cóleras do coração e expõem as teses práticas de denuncia e libertação. Todo caminho da *Ética* se faz na imanência; mas a imanência é o próprio inconsciente e a conquista do inconsciente. A alegria ética é o correlato da *afirmação* especulativa”. Cf. DELEUZE, 2002, p. 34-35.

⁴¹ Segundo o especialista Emanuel Fragoso, “o percurso spinozista de comprovação da substância como única, infinita, causa sui, eterna e composta de infinitos atributos (ou seja, Deus), inicia-se com a consideração do pluralismo substancial, isto é, Spinoza aceita como hipótese provável a existência de duas ou mais substâncias; deste pluralismo, sua análise evolui até o monismo substancial, pela própria necessidade das premissas anteriormente postas pelo sistema spinozista. Cf. FRAGOSO, 2004, p.15. Ora, podemos observar que Spinoza apresenta-nos que a substância *Deus sive natura* necessariamente envolve a existência de tudo que existe, isso porque é a *substância* primeira, infinita e única que produz necessariamente todas as coisas, ou seja, *substância* que produz conforme às leis de sua natureza, que é causa primeira não tendo como causa outra coisa senão ela própria. Sendo assim podemos observar que “[...] deste monismo substancial Spinoza evolui até o monismo absoluto, isto é, da consideração da

mas exprime-se de forma simultânea (causando e causando-se) atributos infinitos e também modos⁴² finitos e infinitos⁴³, isso porque Deus é causa eficiente e agente, ou seja, que causa o efeito substancial em todas as coisas e também em si mesmo, pois conforme cita o pensador holandês “tudo que existe, existe em si mesmo ou em outra coisa”. (E1Ax1). Ora, segundo cita Chauí (1999, p. 71), “a causalidade eficiente não transitiva evidencia a permanência da origem no originado, sem que ambos se confundam: causa de si, a substância é o ser em si e por si, concebido por si mesmo, enquanto o modo é o ser em outro e por outro, [...]”.

O pensador Spinoza esclarece que o conhecimento das causas a partir de seus efeitos se faz imprescindível para compreendermos que somos modos finitos determinados e produzidos pelos infinitos atributos⁴⁴ de Deus, quais sejam, a extensão e o pensamento. Ora, conforme cita na definição 5 da Parte I de sua obra magna, “por modo compreendo as afecções de uma substância, ou seja, aquilo que existe em outra coisa, por meio da qual é também concebido”. Spinoza, filósofo da ideia adequada, cita que “tudo, na natureza, procede de uma certa necessidade eterna e de uma perfeição suprema”. (E1A1). Para a pensadora Chauí (1999, p. 55), “a Natureza é estrutura autorregulada, sistema ordenado de relações ou leis de composição entre as partes e o todo, [...]”. Isso porque, “o ser que é causa de si, e por isso existe de si, em si e por si, é o ser concebido por si mesmo”. (idem). Spinoza esclarece em sua *Ética* que “além da substância e dos modos nada existe” quer dizer, “os modos nada mais são do que as afecções dos atributos de Deus”. (E1P28D). Logo, os homens são modos singulares e finitos, ou seja, modos

existência de uma única substância na natureza (monismo) e não duas ou mais (pluralismo), [...]”. Cf. FRAGOSO, 2004, p.15.

⁴² Para Chauí (2016, p. 81), “uma coisa particular, isto é, uma afecção ou um modo finito de um atributo de Deus, só opera determinado pela ação de sua causa eficiente. Numa palavra, como demonstra Espinosa, as coisas particulares nada mais são do que modos pelos quais, num processo de autodiferenciação interna, os atributos de Deus se exprimem de maneira certa e determinada”.

⁴³ “Espinosa demonstra que a gênese dos modos infinitos e finitos segue da necessidade da natureza de Deus, porém não da mesma maneira. Os modos infinitos imediatos seguem imediatamente da natureza absoluta de seus respectivos atributos, isto é de essências e potências infinitas, eternas, indivisíveis e imutáveis; os modos infinitos mediatos seguem da natureza dos atributos enquanto ela está afetada pelos modos infinitos imediatos; os modos finitos seguem da natureza de seus respectivos atributos enquanto estes são afetados por modificações finitas e dependem da causalidade universal dos modos infinitos, isto é, das leis da Natureza Naturada. [...]” (Cf. CHAUI, 1999, p. 73).

⁴⁴ “Por atributo compreendo aquilo que, de uma substância, o intelecto percebe como constituindo a sua essência”. Cf. E1Def4.

que são limitados (coagidos) por outra coisa da mesma natureza. Ora, conforme cita, “diz-se finita em seu gênero aquela coisa que pode ser limitada por outra da mesma natureza”. (E1Def2).

Dado o exposto, Spinoza demonstra-nos que os homens possuem, em Deus, uma existência finita e determinada por outra coisa da mesma natureza, entretanto, mesmo que existamos em outra coisa de maneira definida, ou seja, singular e determinada, tudo que existe segundo Spinoza, existe em Deus, pois sua essência envolve toda existência. Conforme cita, “diz-se necessária, ou melhor, coagida, aquela coisa que é determinada por outra existir e a operar de maneira definida e determinada”. (E1Def7). Spinoza conclui que os indivíduos são modos finitos em seu gênero, ou seja, modos singulares finitos e distintos pertencentes de uma única substância, a saber, Deus. Portanto, somos o efeito (*Natureza Naturada*) da causa (Deus) que se autoproduz (*Natureza Naturante*).⁴⁵

Conclusão

Dadas às circunstâncias, podemos observar que a filosofia de Spinoza estremece o pensamento filosófico dogmático, assim como as ordens teológicas⁴⁶ do Estado de sua época. Ora, seu olhar visionário “inverte totalmente a natureza, pois considera como efeito aquilo que é realmente causa e vice-versa. Além disso, converte em posterior o que é, por natureza, anterior. Enfim, transforma em imperfeito o que é supremo e perfeitoíssimo”. (E1A1). Sendo assim, pode-se concluir que, na Parte I de sua *Ética*, o filósofo esclarece qual a verdadeira natureza de Deus, bem como de seus atributos.⁴⁷ e

⁴⁵ “[...] por natureza naturante devemos compreender o que existe em si mesmo e por si mesmo é concebido, ou seja, aqueles atributos da substância que exprimem uma essência eterna e infinita, isto é (pelo corol. 1 da prop. 14 e pelo corol. 2 da prop. 17), Deus, enquanto é considerado como causa livre. Por natureza naturada, por sua vez, compreendo tudo o que se segue da necessidade da natureza de Deus, ou seja, de cada um dos atributos de Deus, isto é, todos os modos dos atributos de Deus, enquanto considerados como coisas que existem em Deus, e que, sem Deus, não podem existir nem ser concebidas”. Cf. E1P29S.

⁴⁶ “[...] Em toda sociedade, mostrará Espinosa, trata-se de obedecer e nada mais: é por isso que as noções de culpa, de mérito e de demérito, de bem e de mal são exclusivamente sociais e não vinculadas à obediência e à desobediência. A melhor sociedade será, pois, aquela que isenta o poder de pensar do dever de obedecer, e, em seu próprio interesse, se resguarda de submetê-lo à regra do Estado, que vale apenas para as ações. [...]”. Cf. DELEUZE, 2002, p. 10.

⁴⁷ “Opondo-se ao imaginário teológico, os atributos espinosanos são apresentados como: 1). dando a conhecer a essência de Deus, 2). substâncias, porque concebidos em si e por si, e 3). constituindo um ser existente, por si ou causa de si. A identidade substância-atributo visa assegurar que o atributo não é uma propriedade nem um nome de Deus, mas uma realidade (coisas, escreve Espinosa) que constitui a essência

modos. Também demonstra em que consiste a liberdade absoluta de Deus apontando as causas da falsidade⁴⁸. Ora, à luz da razão, o pensador denuncia o engano do finalismo que está alicerçado sob as “ficções humanas”, pois atribuem a Deus causas finais para explicar o que não conhecem nem compreendem de forma clara e distinta, ou seja, as leis de sua Natureza.

Assim, Spinoza demonstra que as leis de Deus são eternas e imutáveis, portanto, Deus não tem carência ou vontade, nem mesmo um fim, ou seja, as coisas são produzidas “por seu próprio valor”. Para tanto, é necessário pensar à luz da razão (*lumen ratio*⁴⁹). Dessa maneira, conclui-se que seu pensamento apresenta-nos uma preciosa e peculiar observação filosófica, ontológica da substância absolutamente infinita, bem como dos modos do ser e do pensar em sua *Ética*. O filósofo demonstra-nos geometricamente que a Deus pertence à essência absolutamente infinita. Que também, Deus envolve a existência de tudo porque é substância que ao mesmo tempo se autoproduz e age sem ser causada ou coagida por outra coisa que não ela mesma. Para o autor da *Ética*, Deus através de sua essência e potência infinita age e produz todas as coisas que existem. Isso porque “a potência de Deus, pela qual ele próprio e todas as coisas existem e agem, é a sua própria essência”. (E1P34D). Portanto, para o pensador, é necessário estar atento que, em Deus, sua potência, essência e existência são a mesma coisa e somente e somente Deus possui a liberdade absoluta. Portanto, “tudo aquilo que concebemos como estando no poder de Deus, existe necessariamente”. (E1P35).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

do ser divino, a afirmação de que o atributo é perfeito e infinito em seu gênero indicando a diversidade dos atributos e indicando a distinção real entre eles”. Cf. CHAUI, 1999, p. 798.

⁴⁸ “Convém lembrar mais uma vez que a falsidade não é um nada de verdade, mas uma privação de conhecimento, que é o traço característico das ideias inadequadas”. Cf. RIZK, 2010, p. 85.

⁴⁹ Spinoza parou seus trabalhos sobre a *Ética* para escrever seu *Tratado Teológico-político* como forma de denunciar os preconceitos dos teólogos sobre os filósofos, posto que, insistiam em enfatizar que a filosofia deveria ser serva da teologia. Ora, Spinoza explicita que através da luz da razão (*lumen ratio*) pode-se conhecer Deus de forma clara e distinta. Na mesma obra, que será publicada anonimamente em 1670, o pensador também irá defender a liberdade de pensamento (*filosofar*) e de ensinar o que se pensa para a manutenção de um Estado livre.

CHAUI, Marilena. *A nervura do real - imanência e liberdade em Espinosa*. v.II (liberdade). São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

CHAUI, Marilena. *A nervura do real - imanência e liberdade em Espinosa*. v.1(imanência). São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

DELEUZE, G. *Espinosa: Filosofia prática*. Tradução de Daniel e Fabien Pascal Lins. São Paulo: Escuta, 2012.

DESCARTES, R. *Meditações*. Tradução de J. Guinsburg e Bento Prado Júnior. São Paulo: Abril Cultural, 1973. (Coleção Os Pensadores).

ESPINOSA, Baruch de. *Tratado teológico-político*. 3ª ed. Imprensa Nacional - Casa da Moeda: Departamento Editorial da INCM. Out. 2004.

FRAGOSO, E. A. R. A definição de Deus na *Ética* de Benedictus de Spinoza. Revista *Kalagatos*, Fortaleza, Ceará, v.1, n.1, p. 11-31, 2004.

FRAGOSO, E.A.R. O Conceito de Liberdade na *Ética* de Benedictus de Spinoza. Revista *Conatus – Filosofia de Spinoza*, Fortaleza – CE, V.1, n.1, jul.2007.

GOMES, C. W. B. O papel da finalidade imanente da ação humana na ética e na política de Spinoza. 2021. 271 f. *Tese* (Doutorado em Filosofia). Universidade Federal do Ceará- Instituto de Cultura e arte, Programa de Pós-graduação em Filosofia, Fortaleza, 2021, 271f.

JAQUET, Chantal. *A unidade do corpo e da mente: afetos, ações e paixões em Espinosa*. Tradução de Marcos Ferreira de Paula e Luís César Guimarães Oliva. Belo Horizonte: Autêntica, 2011. (Coleção Filo/Espinosa).

LENOIR, Frédéric. *O milagre Espinosa: uma filosofia para iluminar nossa vida*. Tradução de Marcos Ferreira de Paula. Petrópolis: RJ, Vozes, 2019.

NEGRI, A. *A anomalia selvagem: poder e potência em Espinosa*. Tradução de Raquel de Ramalhete. São Paulo: Editora 34, 2018. (Coleção Trans).

NEGRI, A. *Espinosa subversivo e outros escritos*. Tradução de Herivelto Pereira de Sousa. Autêntica, 2017.

NADLER, S. *Um livro forjado no inferno: o tratado escandaloso de Espinosa e o nascimento da era secular*. Tradução de Alexandre Morales. São Paulo: Três Estrelas, 2013.

OLIVEIRA, M. *A ontologia em debate no pensamento contemporâneo*. São Paulo: Paulus, 2014. (Coleção filosofia).

RAMOND, Charles. *Vocabulário de Espinosa*. Tradução de Claudio Beliner. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

RIZK, Hadi. *Compreender Spinoza*. Tradução: Jaime, A Clausen. Petrópolis- RJ: Vozes, 2006.

SPINOZA, B. *Breve tratado*. Tradução, introdução e notas de Emanuel Angelo da Rocha Fragoso e Luis César Guimarães Oliva. Belo Horizonte: Autêntica, 2012. (Coleção Filo/Espinosa).

SPINOZA, B. *Ética*. Edição bilíngue Latim- Português. Tradução e notas de Tomás Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

SPINOZA, B. *Obra completa II: correspondência completa e vida*. Tradução e notas de J. Guinsburg, Newton Cunha e Roberto Romano. São Paulo: Perspectiva, 2014.

SPINOZA, Benedictus de. *Tratado da emenda do intelecto*. Edição em latim e português. Tradução e nota introdutória de Cristiano Novaes de Rezende. São Paulo: Editora Unicamp, 2015.

